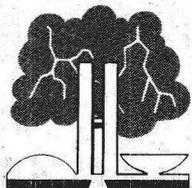


# Jatene diz que resistiu a pressão de deputados

Wilson Pedrosa/AE—5/3/92

*Ex-ministro da Saúde afirma que planejamento governamental em grande parte é feito pelas empreiteiras e revela ter negado solicitações insistentes de mais de 200 parlamentares e prefeitos*

FERNANDO GRANATO



O cirurgião Adib Jatene, ministro da Saúde nos últimos oito meses do governo Collor, deixou a pasta afirmando que, por uma deformação estrutural da administração pública, as empreiteiras acabavam mandando no Orçamento-Geral da União. Um ano e dois meses depois, é exatamente esta constatação o objeto de investigação da CPI do Orçamento. Jatene tem aos 63 anos de idade seu nome cotado para candidato à Presidência. Em entrevista ao Estado,

o ex-ministro fornece detalhes sobre a revelação feita há mais de um ano. Ele conta que, ao assumir o ministério em 1992, existiam 3,5 mil emendas de parlamentares apenas para sua área. "Existiam emendas inadequadas, propostas de hospitais onde não faltavam leitos, existiam unidades desnecessárias,

mas existiam também muitas emendas importantes", diz.

**Estado — O senhor declarou ao deixar o governo que as empreiteiras é que mandam no Orçamento. Poderia dar mais detalhes?**

**Adib Jatene —** Disse que o planejamento governamental não é feito, em grande parte, pelo governo, mas sim pelas empreiteiras. Isso não é uma denúncia, mas uma constatação. Eu fiz toda minha carreira no setor público e venho acompanhando isso há pelo menos 40 anos. Envolvida com corrupção, essa prática fica inaceitável.

**Estado — Em sua estada no Ministério da Saúde, o senhor pôde ver essa prática mais de perto?**

**Jatene —** Em meu período no Ministério, eu tinha perto de 3.500 emendas de parlamentares. Existiam emendas inadequadas, propostas de hospitais onde não faltavam leitos, existiam unidades desnecessárias, mas existiam também muitas emendas importantes. O problema é que nós estávamos vivendo um período, e continuamos nele, em que existe grande dificuldade para manter em funcionamento os leitos existentes.

Por isso nós tomamos a decisão de não autorizar nenhuma daquelas emendas antes que tivéssemos recuperado os leitos existentes.

**Estado — Ao fechar a torneira da verba o senhor foi pressionado?**

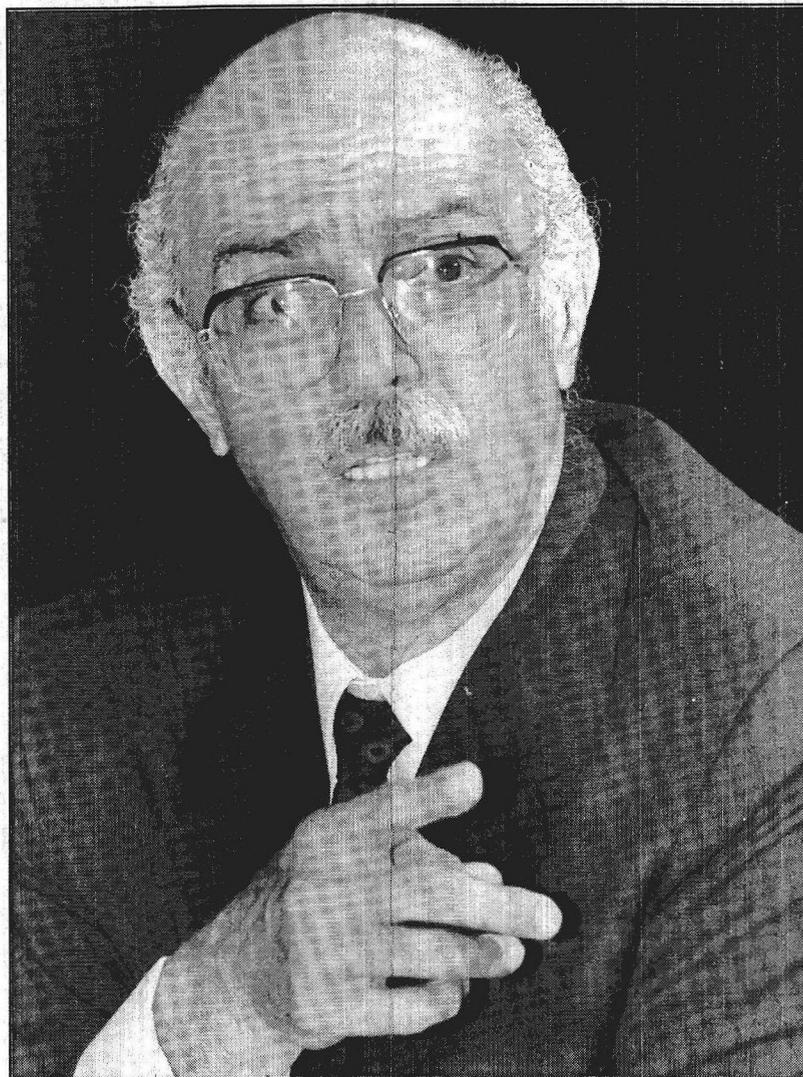
**Jatene —** Mais de 200 parlamentares e prefeitos frequentemente me procuravam. Eu argumentava, mos-

trava os dados do Orçamento, a frustração do Finsocial, a dificuldade dos recursos. Com essa argumentação sempre tive a concordância dos parlamentares.

**Estado — O senhor não liberou recursos para nenhuma emenda?**

**Jatene —** Pagamos o resto do exercício anterior, de 1991, e do período em que o professor José Goldemberg foi interino no Ministério da Saúde, em que ele assinou muitos contratos. Eu não assinei praticamente nenhum contrato.

**Estado — Estamos vendo agora na CPI do Orçamento que o poder**



"Existiam emendas inadequadas, mas havia muitas importantes"

dos parlamentares era grande e as formas de pressão eram muitas...

**Jatene —** A pressão que recebi foi essa: o parlamentar argumentando. Havia município, por exemplo, com dez leitos por mil habitantes, três vezes mais que a média nacional, e o deputado vinha pedir. Há vários casos. Mas eu mostrava os dados e eles concordavam.

**Estado — E os empreiteiros, não o procuravam?**

**Jatene —** Nunca fui procurado por empreiteira. A mim ninguém procurou.

**Estado — E o que os mais de 200**

parlamentares que o procuraram disseram?

**Jatene —** O que muita gente chama de pressão é isso. O deputado marca audiência, leva o prefeito e vem pleitear.

**Estado — Algum desses parlamentares que agora são acusados o procurou?**

**Jatene —** Foram muitos, realmente não me lembro especificamente.

**Estado — O senhor tinha conhecimento desses escândalos que agora a CPI apura?**

**Jatene —** Tinha informações mas não específicas. Fui procurado por pessoas que vinham dizer: "Em tal município há uma emenda, e ela é ilegítima." Como não estava atendendo nenhuma emenda, eu não via problemas naquele momento.

**Estado — E os pedidos absurdos?**

**Jatene —** Eu me lembro que havia um projeto de hospital em Araxá, de 240 leitos, e me disseram: "Isso é compromisso do presidente, em praça pública." Eu disse: "Se é compromisso do presidente em praça pública, ele foi mal assessorado. Vou falar com o presidente e dizer-lhe que isso não se justifica." Falei e, devo fazer justiça, ele disse: "Ministro, o senhor está certo."

**Estado — Mas denúncias formais de irregularidades o senhor não recebeu como ministro?**

**Jatene —** Houve uma empreiteira da Bahia, que já tinha procurado o Ministério da Justiça. Ela alegava que tinha sido preterida nas concorrências que tinham sido feitas na Bahia. Como eles já tinham levado isso à Polícia Federal, já estava encaminhado, não era mais problema do ministério. Não me recordo o nome da empreiteira.

**Estado — O senhor acha que o sistema atual de confecção do Orçamento deve mudar?**

**Jatene —** Quando faltam 10, 15 dias para que o Orçamento seja apresentado no Congresso é que os ministérios recebem as parcelas que cabem a cada um. Por isso todo mundo diz que o Orçamento é apenas uma

peça formal. O governo não se preocupa com isso. Ele está muito mais preocupado em mandar leis para o Congresso, em conseguir aprová-las. Isso está errado.

**NA MINHA  
ÉPOCA, EU  
TINHA 3.500  
EMENDAS**